

**O PODER, A VERDADE E O SABER NO YOUTUBE**  
***THE POWER, THE TRUTH AND THE KNOWLEDGE ON YOUTUBE***

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo  
 Mestre em Linguística  
 Universidade Federal de São Carlos  
[limenossi@hotmail.com](mailto:limenossi@hotmail.com)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar discursivamente a maneira como as relações de poder são construídas em um ambiente virtual que abriga materiais multimodais. Para isso, teremos como embasamento teórico-analítico as ideias propostas por Michel Foucault (1995) sobre o Poder, a Verdade e o Saber. Partimos da hipótese de que um novo suporte midiático – YouTube – seja fonte de informação e imponha uma outra dinâmica nas relações de poder isto devido ao seu potencial de interação inédito. Mais especificamente, podemos dizer que selecionamos uma vídeomontagem humorística postada no YouTube no ano eleitoral de 2010 em que sua personagem principal é a então candidata à presidência da República Dilma Rousseff. A vídeomontagem intitulada Direto ao assunto: Episódio#03 Meio Ambiente, por seu caráter compósito, faz emergir relações de poder ao tentar construir um saber e produzir uma verdade sobre a competência da atual presidente.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Saber; Poder; Foucault; YouTube

**ABSTRACT:** This paper aims to analyze discursively how power relations are constructed in a virtual environment that has multimodal materials. Thus, we have as theoretical-analytical ideas proposed by Michel Foucault (1995) about the Power, the Truth and the Knowledge. We hypothesized that a new support media - YouTube - is a source of information and imposes a new dynamic in power relations due to its unprecedented potential for interaction. More specifically, we can say that we selected a humorous video composition posted on YouTube in the 2010 election year in which its main character is the then presidential republic candidate Dilma Rousseff. The video composition called Straight to the point: Episode # 03 Environment, by its different characteristics, brings out the power relations while trying to build a knowledge and produce a truth about the competence of the current president.

**Keywords:** Discourse analysis; Knowledge; Power; Foucault; YouTube

Este trabalho nasce com intuito de seguir grosseiramente alguns caminhos deixados por Foucault (1995), caminhos esses que apresentam as ideias sobre o Poder, a Verdade e o Saber. Conceitos que fizemos com que olhássemos para nosso material de análise da pesquisa de doutorado e fossem levantados alguns pontos que pautam a problemática central deste trabalho e fizeram irromper nossa questão de pesquisa: Como se constroem as relações de poder em um novo suporte midiático, o **YouTube**? Mais especificamente em vídeomontagens tidas como de humor? Nossa hipótese é a de que o YouTube é fonte de informação e

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística. Bolsista Fapesp – Processo nº 2011/09851-8

impõe uma outra dinâmica nas relações de poder isto devido ao seu potencial de interação inédito.

Nossa tentativa de análise tem como material uma vídeomontagem postada no site YouTube<sup>2</sup> no ano eleitoral de 2010 em que o alvo de descaracterização é a atual presidente Dilma Rousseff na época candidata às eleições presidenciais. O título da vídeomontagem trazida é Direto ao Assunto: Episódio #03 Meio Ambiente, ela faz parte de uma sequência de seis vídeomontagens que foram postadas pelo mesmo internauta que utiliza o pseudônimo de *exilados*.

Para nosso embasamento teórico-analítico, tentaremos pensar alguns pontos que envolvem os conceitos de Poder, Verdade e Saber. Sabemos que outros temas estão intrínsecos aos que trataremos aqui e os que aqui serão expostos suscitarão esclarecimentos muito maiores, todavia, em virtude da extensão de nosso trabalho, infelizmente, tomaremos apenas algumas de suas proposições e assim nosso ensaio não se tornará demasiadamente extenso.

## **Poder**

Michel Foucault (1995) teceu sobre a questão do poder em inúmeros de seus textos, mesmo em alguns em que ele afirma não ser esta a questão central (“Não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa” (1995, p. 232)) o poder é tratado e estudado pelo estudioso. Para tanto, o sujeito está em estreita ligação com o poder já que ele “é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (1995, p. 232). Relações estas que interessam para o nosso trabalho e que aqui iremos tentar entendê-las.

Uma proposição importante que deve ser aclarada é de qual poder Foucault trata em seus estudos. Como o próprio autor esclarece, o que caracteriza o poder que analisaremos é o fato dele “colocar em jogo as relações entre os indivíduos (ou entre grupos)” (1995, p. 240). Deste modo, é possível supor que determinados grupos ou indivíduos estabeleçam um poder sobre outro grupo; contudo, esta via não é de mão única, pois ela impõe relações que fazem com que

---

<sup>2</sup> [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)

os dois grupos exerçam o seu poder um sobre o outro caracterizando o que Foucault chama de relações de poder. Assim, devemos considerar o poder como uma rede produtiva que permeia todo o corpo social, ele é muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1999b).

Mais do que uma relação entre indivíduos ou grupos, o poder “é um modo de ação de alguns sobre outros”. Assim, o poder não estaria difundido em todo e qualquer espaço de modo centralizado ou não, ele se concretiza quando exercido de “uns” sobre os “outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242). Outro fato acrescido está relacionado ao que define uma relação de poder: a ação, isto porque não se exerce o poder diretamente sobre o outro, mas sim sobre suas ações e assim sucessivamente esta ação sobre outras ações próprias ou não. Diante desta proposição, há o fato de que se pode criar certa resistência a esta ação com o intuito de tentar reduzi-la e também é possível abrir um leque de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 1995). Nas palavras do autor:

Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

O que é próprio das relações de poder é que elas são um modo de ação sobre as ações, estas relações estão arraigadas nas tramas sociais (FOUCAULT, 1995). Podemos entender que viver em sociedade é agir sobre as ações do outros, há uma constante construção das relações de poder e por isso não há sociedade apartada dessas relações se pensarmos nas suas questões de análise. Além disso, é a política, como campo de saber, que tem como tarefa primordial levantar o que as relações de poder representam numa sociedade, sua formação histórica, seus fundamentos e suas efemeridades e as condições de algumas serem suprimidas e outras não.

Foucault (1995) estabelece alguns pontos para levantar essas relações de poder e que para o nosso trabalho são relevantes já que temos a pretensão de observá-las em nosso material de análise. O primeiro ponto é o **sistema das**

**diferenciações** que consiste na distinção entre os grupos, isto é, diferenças partidárias, econômicas, jurídicas, linguísticas ou culturais; elas é que admitem que se possa agir sobre a ação dos outros. O segundo ponto são os **tipos de objetivos** que podem ser entendidos como a finalidade maior do grupo, o “onde se quer chegar” e que são trazidos por aqueles que agem sobre a ação dos outros, estes objetivos podem ser o acúmulo de lucro, o exercício de uma função, a construção de uma verdade. O terceiro são as **modalidades instrumentais** que podem ser os instrumentos materiais que se dispõem para alcançar seu objetivo por meio das ameaças das armas, dos efeitos da palavra, das diferenças econômicas etc. O quarto são as **formas de institucionalização** que entendemos como um modo de organização dos grupos, isto é, esses grupos de maneira organizada podem apresentar dispositivos tradicionais (estruturas jurídicas, fenômenos de hábito ou de moda), dispositivos fechados (lugares específicos, regulamentos próprios, estruturas hierárquicas e relativa autonomia funcional) e sistema complexos dotados de diversos aparelhos (o Estado tem por função constituir o invólucro geral, a instância de controle global, o princípio de regulação e certa distribuição das relações de poder num conjunto social). E o quinto ponto são os **graus de racionalização** que podemos compreender como a elaboração da ação com a observação da eficácia dos instrumentos que se possui, da certeza do resultado, do custo eventual, isto é, o exercício de poder “se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (FOUCAULT, 1995, p. 247).

A análise das relações de poder não pode se voltar unicamente para inúmeras instituições muito menos para aquelas que recebem o nome de **política** é o que acrescenta Foucault (1995). Isto porque as relações de poder encontram-se no conjunto da rede social, contudo, não há poderes menores que dominam qualquer elemento social, mas sim há a possibilidade de ação sobre a ação dos outros por meio de diversas formas individuais e de objetivos, assim como a aplicação do poder sobre nós e sobre os outros, são as formas de institucionalização e organização que podem indicar formas diferentes de poder. O Estado é um efeito de poder estatal que opera pela governamentalidade e que a outras relações a ele se referem, não porque derivem dele, mas porque ele produz uma estatização contínua dessas relações de poder (FOUCAULT, 1995).

## Verdade

Sobre a questão da verdade, de maneira muito sucinta, elencaremos algumas proposições feitas por Foucault (1999b) e que podem enriquecer nossas reflexões.

Uma de suas afirmações, em *A Microfísica do Poder* (1999b), quando transcorre sobre o papel do intelectual é a de que “a verdade não existe fora do poder ou sem o poder” (*Id., Ibid.*, p.12), ela seria produzida como fruto de várias coerções e produziria efeitos reguladores de poder. Além disso, cada sociedade tem o seu regime de verdade, em outras palavras, seriam os tipos de discursos que são aceitos e que funcionam como verdadeiros, podem ser também os mecanismos e as instâncias que possibilitam diferenciar os enunciados verdadeiros dos falsos, o modo como se aprova uns e não outros, as técnicas e os procedimentos que são selecionados para obtenção da verdade e o estatuto dos que podem dizer o que é verdade ou não (FOUCAULT, 1999b).

O estudioso acrescenta que a “economia política” da verdade tem cinco características importantes:

A verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política, é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo, é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos e econômicos; enfim, é objeto de debate políticos e de confronto social (FOUCAULT, 1999b, p. 13).

Deste modo, há uma busca por essa verdade, pelo estatuto e pelo papel econômico-político que ela desempenha, mas não se busca a verdade como um conjunto de coisas verdadeiras, e sim como “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui aos verdadeiros efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1999b, p. 13).

Ligada ao poder, podemos entender, portanto, que a verdade se trata de um “conjunto de procedimentos reguladores para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 1999b, p. 13). O que pode produzir certos efeitos de poder, isto é, o que determina a produção, circulação e recepção de certos enunciados e o modo como eles se relacionam é levantar qual é o regime de poder que se inscreve naquele discurso em um corpo social.

## Saber

Quanto às questões ligadas ao saber, em *A Microfísica do Poder* (1999a), Foucault esclarece que o saber nasce quando a verdade toma forma, isto é, a produção da verdade toma forma e se impõe sobre a norma do conhecimento e não mais segundo a forma do ritual. Para isso, ele indica três bases de processo: o estabelecimento e a generalização do procedimento de inquérito nas práticas políticas, religiosas, civis etc., isto é, vários indivíduos passam a concordar sobre um acontecimento notório e passam a reconhecê-lo como a prova que era um tipo de poder/saber ritual. A segunda base seria aquela em que se pode incorporar tecnologias que permitiam um inquérito (tipo de prova administrativa), tecnologias não somente dos instrumentos de localização, aceleração e amadurecimento da verdade, mas aqueles que conseguem atravessar as distâncias, levantar os obstáculos do momento das grandes navegações. A verdade, então, terá que se representar quando for buscada e não somente reproduzida (FOUCAULT, 1999a).

A terceira base de processo se trata da produção de fenômenos constatáveis por todo sujeito de conhecimento, isto é, a verdade seria produzida por fenômenos por meio da experimentação, não seria mais a verdade prova, seria algo repetível, controlado, constatado e medido. Por isso, “produzir fenômenos numa aparelhagem de laboratório não é o mesmo que suscitar ritualmente o acontecimento da verdade” (FOUCAULT, 1999a, p. 117).

Estes procedimentos de poder para a produção de saber citados acima estavam acompanhados de grandes mudanças nas sociedades ocidentais como a emergência de um poder político, a expansão mercantil e as grandes técnicas de produção. Assim, as formas de poder e de saber se efetivaram e substituem um simples conhecimento do sujeito sobre o objeto para o nome de saber.

O saber está ligado ao poder na medida em que se pretende efetuar uma ordenação geral do mundo, isto é, dos indivíduos que passam por uma forma de governo e por procedimentos disciplinares. Assim,

O poder não pode disciplinar os indivíduos sem produzir igualmente, a partir deles e sobre eles, um discurso de saber que os objetiva e antecipa toda experiência de subjetivação (REVEL, 2005, p. 78).

## Esboço de análise

A vídeomontagem trazida para este trabalho foi intitulada Direto ao assunto Episódio#03 – Meio Ambiente e é composta recortes de diferentes momentos da então candidata, isto é, pequenos vídeos que são intercalados por slides elaborados pelo seu produtor acompanhados ou não de música. Trata-se, portanto, de um material multimodal por apresentar som, imagem e materialidade discursiva acopladas.

Como já ressaltamos na introdução, a vídeomontagem compõe uma sequência de seis episódios criados pelo produtor que usa o pseudônimo de exilados e foi postada no ano eleitoral de 2010 no dia 04 de maio. O recorte que fizemos traz o slide abaixo, enquanto o visualizamos ouvimos uma espécie de jingle em que é possível perceber um assobio e alguns instrumentos; em suma, podemos inferir que a música é de alguém que assobia distraidamente de modo descontraído:



Figura 1 (00:12 – 00:14)

E1<sup>3</sup>: !Direto ao assunto com a ex-ministra do Presidente Lula?

Logo após visualizarmos o slide acima, é inserido o trecho de um vídeo em que Dilma responde a perguntas de internautas. Neste vídeo, ela encontra-se sentada em frente a uma mesa com toalha branca e um computador, do seu lado direito está um homem de cabelos longos que também tem um computador na mesa e do lado esquerdo uma mulher com o computador e que lê a pergunta da internauta

---

<sup>3</sup> E1: Produtor da vídeomontagem  
E2: Mulher sentada ao lado esquerdo de Dilma  
E3: Dilma Rousseff.

para Dilma, vejamos a figura dois que exemplifica um trecho do vídeo e, em seguida, a transcrição da fala da então candidata e da mulher que lê a pergunta:



**Figura 2 (00:22)**

E2: Chegou aqui uma mensagem da Lara Sales do interior da Paraíba, de 16 anos e ela “tá” preocupada com o desmatamento da Amazônia. Todos nós, não é Ministra?

E3: Faz muito bem, viu, é uma coisa muito boa, viu, Lara (ministra fala e pega a folha onde supostamente está a mensagem e continua) porque é algo que a gente tem que se preocupar, de fato, nós inclusive lá em Copenhague<sup>4</sup> fomos os que tiveram oposição, eu acho que em termos da mudança do clima mais consequente ...

A fala da candidata é interrompida e entra uma tela com chuviscos por um segundo para, então, o produtor da vídeomontagem inserir um recorte da fala de Dilma em Copenhague (figura 3):



**Figura 3 (00:48)**

---

<sup>4</sup> A Convenção de Copenhague aconteceu em Copenhague, na Dinamarca, entre os dias 7 e 18 de dezembro de 2009. É o décimo quinto encontro realizado pelos países signatários da Convenção Marco sobre Mudança Climática, acordo firmado durante a ECO-92, no Rio de Janeiro, que estabeleceu diretrizes para uma coordenação internacional contra o aquecimento global. O objetivo deste encontro é Negociar, redigir e aprovar os termos da segunda parte do Protocolo de Kyoto – a primeira foi elaborada e definida em 1997, entrou em vigor em 2005 e expira em 2012. Essa continuidade do Protocolo estabelecerá novas metas de redução da emissão de gases de efeito estufa a serem cumpridas a partir de 2013 ou 2014. Fonte: <http://veja.abril.com.br/perguntas-respostas/convencao-clima-copenhague.shtml> Acesso em: 13 de julho de 2011.



E3: ...o meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável e isto significa que é uma ameaça para o futuro do nosso planeta e dos nossos países...

Como plano de fundo temos o mesmo jingle do primeiro slide, um assobio com tom de descontração ou distração. Slide este (figura1) que também é inserido após este pequeno recorte do discurso de Dilma para finalizar a vídeomontagem.

Entendemos que a vídeomontagem é de humor porque há uma quebra de expectativa no que será mostrado; além disso, em virtude dela focar a degradação da figura de Dilma Roussef trata-se de um humor derrisório<sup>5</sup> (ARAÚJO, 2011).

As relações de poder aqui estabelecidas podem ser concretizadas por meio do discurso de Dilma Roussef em Copenhage que é recortado e trazido para uma vídeomontagem que busca descaracterizá-la como pessoa coerente. Há uma ação que age sobre a ação do outro, isto é, produzir a vídeomontagem e construir este recorte para trazer o enunciado: “... **o meio ambiente é, sem dúvida nenhuma, uma ameaça ao desenvolvimento sustentável...**” que logicamente se contradiz, inferimos que esta seja a ação sobre a ação do outro, utilizar a falha ou até mesmo produzi-la para estabelecer uma relação de poder sobre Dilma e os internautas que acessam o YouTube e assistem as videomontagens. Em suma, a ação do produtor seria a construção da vídeomontagem e a ação de Dilma utilizada por ele é o discurso em Copenhage, fato que pode promover a construção de uma relação de poder que focaliza os eleitores internautas que acessam as vídeomontagens, assim dois grupos – os que são partidários (eleitores de Dilma) e os que não o são (aqueles que compactuam com o produtor da videomontagem) – fazem emergir uma discussão política em um ambiente virtual.

Além disso, para pensarmos nas relações de poder supostamente estabelecidas entre o produtor da vídeomontagem (que pode representar o partido de oposição ou até mesmo o povo) e a candidata à presidência Dilma Roussef (e todos aqueles eleitores internautas que compactuam com suas ideias) nesta

---

<sup>5</sup> Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous, a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da púria injúria” (2003, p. 35).

vídeomontagem descrita anteriormente, é preciso levantar alguns pontos (FOUCAULT, 1995). O **sistema de diferenciações** que permitiu a produção da vídeomontagem são as diferenças político-partidárias que pensamos existir já que observamos o embate que se quer construir. Em virtude deste fato, *os tipos de objetivos* são diferentes, pois o produtor quer denegrir a imagem da candidata enquanto ela, em sua primeira fala, por exemplo, quer se mostrar pronta e consciente para assumir o cargo, observemos o enunciado: “...Faz muito bem, viu, é uma coisa muito boa, viu, Lara porque é algo que **a gente tem que se preocupar**, de fato, **nós** inclusive lá em Copenhague<sup>6</sup> fomos os que **tiveram oposição**, eu acho que **em termos da mudança do clima mais consequente...**”.

Sendo que a **modalidade instrumental** é a própria montagem e a postagem em um site que é de fácil acesso e abarca um número ilimitado de cidadãos, o YouTube além de ser um meio de divulgação midiático também passa a ser usado por muitos políticos como meio de propaganda de suas candidaturas e pelos eleitores que podem ver e fazer vídeos apoiando ou se opondo a eles (BURGUSS, 2009). As formas de institucionalização, então, são modificadas por mecanismos mais complexos, os comícios são abolidos e as informações rápidas entram neste espaço; contudo, entendemos que as vídeomontagens possam ser

Um dispositivo fechado sobre si mesmo com seus lugares específicos, seus regulamentos próprios, suas estruturas hierárquicas cuidadosamente traçadas, e uma relativa autonomia funcional (FOUCAULT, 1995, p.246).

Resultando na eficácia de um instrumento, o que nos permite pensar que se trata de um grau de racionalização já que o exercício de poder “se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (FOUCAULT, 1995, p. 247). O que se pretende nestas relações de poder, é produzir uma verdade política, já que entendemos por verdade “o conjunto das regras

---

<sup>6</sup> A Convenção de Copenhague aconteceu em Copenhague, na Dinamarca, entre os dias 7 e 18 de dezembro de 2009. É o décimo quinto encontro realizado pelos países signatários da Convenção Marco sobre Mudança Climática, acordo firmado durante a ECO-92, no Rio de Janeiro, que estabeleceu diretrizes para uma coordenação internacional contra o aquecimento global. O objetivo deste encontro é Negociar, redigir e aprovar os termos da segunda parte do Protocolo de Kyoto – a primeira foi elaborada e definida em 1997, entrou em vigor em 2005 e expira em 2012. Essa continuidade do Protocolo estabelecerá novas metas de redução da emissão de gases de efeito estufa a serem cumpridas a partir de 2013 ou 2014. Fonte: <http://veja.abril.com.br/perguntas-respostas/convencao-clima-copenhague.shtml> Acesso em: 13 de julho de 2011.

segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui aos verdadeiros efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1999b, p. 13), há uma suposta verdade sobre Dilma que deve ser dita. Deste modo, podemos inferir que se almeja construir um saber em torno da figura da candidata já que o saber é produzido quando a verdade toma forma e se impõe sobre as normas do conhecimento, ou seja, ele utiliza certos procedimentos que legitimam o saber produzido como sendo verdadeiro (FOUCAULT, 1999b). Pois, segundo as bases de processo do saber, quando os internautas assistem as vídeomontagens e dão risada, acham graça ou tem alguma reação positiva, eles passam a compactuar com o produtor da vídeomontagem e concordam com o acontecimento notório e o reconhecem como prova de um poder/saber (FOUCAULT, 1999a), mediante o estabelecimento e a generalização de um procedimento.

Outra base é a incorporação de tecnologias que podemos exemplificar como sendo a própria vídeomontagem que traz recortes de outros vídeos podendo editá-los do modo que lhe for conveniente nestas relações de poder que são estabelecidas em busca de uma verdade para consolidar um saber social. Ligada a essa possibilidade de edição dos vídeos está a produção de fenômenos constatáveis por todo o sujeito do conhecimento, a produção da vídeomontagem seria a produção de um acontecimento da verdade, nas palavras de Foucault: “...a produção da verdade tomou a forma da produção de fenômenos constatáveis por todo sujeito do conhecimento” (FOUCAULT, 1999a, p. 117).

### **Considerações finais**

Após pensarmos teoricamente nas questões de poder, saber e verdade e, posteriormente, olharmos de modo mais atento estes aspectos conceituais em torno de nosso material de análise, é possível chegarmos a alguns pontos que não encerram nossas discussões.

Em suma, diríamos que a vídeomontagem analisada é de humor que exprime as relações de poder existentes entre o produtor da vídeomontagem e a candidata a presidência assim como dos internautas que acessam as vídeomontagens; sendo que o produtor pretende construir uma verdade em torno da figura da candidata de que ela não é coerente e que por isso não pode assumir o

cargo de presidente. “Verdade” esta que se pretende tomar uma forma e construir um Saber. Assim, a vídeomontagem anseia fortalecer e integrar um dado regime de verdade como procedimento de produção de discursos com estatuto de verdade na sociedade por ser “um lugar de enfrentamento social e de um debate político violento, sob a forma de “lutas ideológicas” (REVEL, 2005, p. 87).

Outra questão observada e que pode expandir nossa discussão é que as vídeomontagens podem ser uma forma de resistência, pois “escapam” dos dispositivos de identificação, de classificação e de normalização do discurso (REVEL, 2005). Isto pode ocorrer devido o lugar em que elas estão abrigadas, a Internet. A resistência nasce sempre onde há o poder, deste modo, ela tanto contribui para que o poder possa emergir sendo que ela é, muitas vezes, o resultado das relações de poder que estão em todo lugar, ela é a possibilidade de criar espaços de lutas e negociar transformações (FOUCAULT, 1995).

## Referências

ARAÚJO, L. M. B. M.. **Política e derrisão no YouTube: uma leitura discursiva**. 2011, 120f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, 2011.

BARONAS, R. L. A Língua nas Malhas do Poder. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.p.83-92

BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J.M.Le Pen Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M.R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35-48.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

**Direto ao Assunto: Episódio #03 - Meio Ambiente**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8wllIFaF2r4c>. Acesso em: 01 de setembro de 2011.

FOUCAULT, M. A casa dos loucos In: \_\_ **Microfísica do Poder**, 1999. p.113-128.

\_\_. A Verdade e o Poder (1979). In: \_\_ **Microfísica do Poder**, 1999. p.1-14.

\_\_. O sujeito e o poder (1976). In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. p. 231-252.

\_\_\_\_. Ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). In: \_\_\_\_ **Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade, política** (org. Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. P.264-287.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

POSSENTI, S. Sobre dois conceitos de Foucault. In:\_\_\_\_ **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2009. p. 169- 179.